

RESUMO

7.00.00.00-0 - CIÊNCIAS HUMANAS

7.01.00.00-4 - FILOSOFIA

FIM DA ARTE E DESSACRALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE HEGEL, BENJAMIN E DANTO.

Sonia Campaner Miguel Ferrari – Orientador

Departamento de Filosofia – Faculdade de Filosofia, Comunicações, Letras e Artes

soniacampaner@uol.com.br

Luis Eduardo Morimatsu Lourenço - Orientando

Curso de Filosofia – Faculdade de Filosofia, Comunicações, Letras e Artes

souzalourenco@gmail.com

O trabalho teve como leitmotiv, como verdadeiro fio condutor, o conceito de “fim da arte” hegeliano. O referido conceito permitiu-nos articular e aproximar três dos mais destacados teóricos da arte em âmbito filosófico: além do próprio Hegel, Walter Benjamin e Arthur C. Danto. Se é certo que existem diferenças intrínsecas entre suas concepções filosóficas, não é menos certo que há um verdadeiro traço em comum que os une: a intenção de refletir sobre as profundas mudanças impostas à experiência estética pela modernidade. De fato, a afirmação anterior não pretende ser arbitrária; sua justificação e fundamentação foi um dos principais eixos a nortear nossos esforços. Em paralelo, a própria definição das características mais essenciais da modernidade, sob a perspectiva dos supracitados teóricos, constituiu-se como objeto central de análise em nosso trabalho. Em verdade, a todo momento procuramos ressaltar os elos conceituais que unem as filosofias dos supracitados pensadores. Entre estes elos, um é bastante evidente: os três teóricos conceberam a modernidade como um período caracterizado pela recusa aos discursos legitimadores legados e sustentados tão somente pela tradição; a noção de ruptura é onipresente, embora tal noção seja, de fato,

articulada de maneiras diversas pelos filósofos em questão. É precisamente neste sentido que a ideia de uma dessacralização da experiência estética exerce importante papel de unificação e significação conceitual. Ademais, a escolha dos autores não foi arbitrária: a estética de Hegel representa uma das mais significativas e influentes tentativas de repensar o papel e sentido do fazer artístico nos novos tempos, tempos este caracterizados pela imposição de uma série de novas e urgentes questões, algo que, aliás, o suábio já nos alertara no prefácio de sua famosa Fenomenologia. Benjamin e Danto, por sua vez, são representantes de tradições que por muitas vezes foram concebidas como totalmente distintas: o primeiro como representante destacado da dita “filosofia continental” e o segundo como um dos maiores estetas da corrente analítica. Subjacente ao trabalho, a crença no sentido de que tal distinção peremptória não é nem materialmente, nem historicamente adequada. Pode causar estranheza, *prima facie*, nossa pretensão de articular o pensamento de Danto com as filosofia de Hegel e Benjamin. A estética do americano representa, porém, um distanciamento em relação ao formalismo exacerbado que caracterizou os primeiros trabalhos da dita corrente analítica. Sua obra, em verdade, só é plenamente compreensível a partir da guinada em direção à análise da linguagem comum, com sua preocupação acerca dos contextos doadores de sentido (por exemplo, o segundo Wittgenstein, J.L. Austin e Searle; não por acaso um dos conceitos mais importantes da obra do americano é aquele que define a obra de arte como um “embodied meaning”). Ademais, Danto expressa claramente seu débito com Hegel. Sempre que foi possível, optamos por adotar como fontes da pesquisa as obras de autoria dos próprios filósofos em estudo. Não nos furtamos, porém, em recorrer a alguns de seus mais eminentes comentadores. **PIBIC-CNPq**

Palavras-chave: modernidade, dessacralização, tradição

